



Dança da cutia: minha cultura, minha identidade na escola Mura

Ana Mary Mello de Azevedo¹

Resumo

É importante salientar que este estudo, apresenta sugestão didática e pedagógica para o professor indígena Mura no processo ensino e aprendizagem diferenciada e significativa, contextualizando a cultura, a língua e a valorização da etnia na práxis docente da educação escolar indígena. A escola indígena visa planejar e construir a identidade própria da escola Mura, o Projeto Político Pedagógico, onde o planejamento, execução e avaliação de todas as ações da escola Mura estão inseridos, é um instrumento de luta e organização de uma instituição educacional. Objetiva valorizar os saberes indígenas na ação didática e pedagógica na escola Mura. E os objetivos específicos busca articular a educação escolar indígena e cultura numa perspectiva antropológica; conhecer a Dança da cutia e sua relação com a escola Mura; produzir uma cartilha com as letras das músicas da dança nas línguas Portuguesa e Nheengatu como recurso paradidático na escola Mura. Quanto à metodologia utilizei técnicas de pesquisas: observação participante, coleta de dados, como exemplos: filmagens, fotografias e os cadernos de campo e conversas informais. Na investigação documental: primários e secundários que contribuíram para este estudo. Sendo pesquisa de cunho qualitativo, pautou-se na subjetividade da interpretação dos dados, favorecendo a atribuição de significados à realidade social, com base na cultura alinhada a educação escolar indígena. Três fases: diagnóstico, encontro pedagógico e o projeto de intervenção: minha cultura, minha identidade, logo, olhar, ouvir e escrever. Quanto aos resultados, certificou-se que a Dança da cutia serve de instrumento de comunicação em movimentos sociais, nas manifestações culturais e bem como, dialoga com a escola Mura, a Dança da cutia para o nosso Povo tem significado símbolo de poder: cultural e político, em cada apresentação da dança tem um significado simbólico, uma mensagem a ser transmitida. Assim, este estudo demonstra que práticas de conhecimento estão em movimento, dialogando a cultura e a educação escolar indígena. A antropologia cultural e a antropologia da educação contribuem no processo de retomada linguística e fortalecimento cultural de nosso Povo, valorizando a Dança da cutia como saber cultural na escola Mura.

Palavras-chave: Cultura, Identidade, Mura, Dança da Cutia, Murutinga

¹ Doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas – PPGAS/UFAM.

Introdução

Este texto apresenta um panorama dos capítulos II (Educação escolar indígena e cultura numa perspectiva antropológica) e III (Conhecer a Dança da cutia e sua relação com a escola Mura) da pesquisa de campo finalizada pelo Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social no período de 2019 a 2022, pela Universidade Federal do Amazonas. A pesquisa versou sobre a "Dança da Cutia: minha cultura, minha identidade na escola Mura".

A cultura Mura não se restringe apenas às comunidades indígenas e áreas rurais, mas também é sentida de maneira vibrante na escola. Com isso, na escola, a Dança da cutia desempenha um papel fundamental na preservação e transmissão da cultura Mura às gerações mais jovens. Nisso, ao incorporar práticas culturais indígenas nas atividades escolares, as crianças Mura se sentem valorizadas e respeitadas em sua identidade, contribuindo para a promoção do respeito à diversidade cultural no âmbito escolar.

O estudo mostrou o diálogo entre antropologia e educação escolar indígena para conhecer a realidade social e cultural do estudante Mura. Com uma perspectiva antropológica e, conseqüentemente, etnológica, essa realidade é abordada com foco na ação didática e pedagógica dos professores Mura, o que resulta na contextualização de saberes e, conseqüentemente, no reconhecimento da Dança da Cutia como uma manifestação cultural.

A Dança da cutia foi criada na aldeia Jabuti em 1953, pertencente à região do Carreiro, Amazonas. Mas, anos depois, sem data em registro segundo dona Helena Nunes através de sua mãe Nila Nunes na migração chegaram a aldeia Murutinga, localizada no município de Autazes, Estado do Amazonas, dona Nila ensinava aos demais indígenas a dança como brincadeira de roda, desde então, a Dança da cutia enraizou-se no Murutinga.

A dança é realizada de maneira coletiva, envolvendo toda a comunidade Mura. É geralmente em festivais e celebrações, como a Festa Tradicional de Santo Antonio no dia 12 de junho e Festival da Cultura Indígena Mura (FECIM), onde as pessoas se reúnem para dançar, cantar e tocar instrumentos tradicionais, como gambá e tamborim. A dança é uma forma de reunir a comunidade, fortalecer laços sociais e reafirmar os valores e tradições Mura.

1 Educação Escolar Indígena e cultura numa perspectiva antropológica

Por se tratar da interação entre educação e cultura, é relevante falarmos do pedagogo e antropólogo americano de origem alemã Franz Boas conhecido como o pai fundador da moderna antropologia cultural, em sua teoria tem mostrado que cada cultura tem sua autonomia e singularidade, e isso deve ser respeitado e valorizado.

Para Benedict (2013) a "antropologia é o estudo [...]. Está interessado na grande gama de costumes que encontramos em diversas culturas e seu propósito é compreender". Nesse sentido, a Dança da cutia é um elemento central na identidade cultural da comunidade Mura.

Sua inclusão na escola contribui para a valorização das culturas indígenas, a promoção da inclusão e o desenvolvimento da consciência intercultural dos estudantes. Quanto a isso, para Cunha (2009) o conhecimento científico é verdade, até que outro paradigma o sobrepuje. O conhecimento científico não é universal para todos os tipos de cultura, que aceitam explicações diferentes, mesmo que sejam locais.

Ademais, as interações de saberes e na contextualização desses saberes a escola Mura permite a quebra dos muros de quatro paredes no processo da construção do conhecimento. Esses conhecimentos dão sentido às nossas ações que estão organizadas de modo significativas e por sistemas simbólicos.

Essas manifestações para Geertz (2008) são conjunto de signos interpretáveis que podemos chamar de símbolos. A escola indígena quando prioriza trabalhar o didático e o pedagógico utilizando a realidade cultural do estudante está contextualizando o ensino e aprendizado com o seu conhecimento de mundo.

O processo de articulação entre educação escolar indígena e a manifestação cultural passam a representar a produção e a construção de novos saberes que se fundamentam na articulação desse corpo de conhecimentos, possibilitando as disciplinas escolares (áreas de conhecimentos) sejam uma das criações mais genuínas da cultura da escola indígena. Para isso, é preciso compreender as experiências educacionais no cenário das culturas Mura.

É nesse sentido que a educação e cultura se dialogam, se interagem, pois se constituem campos de saberes, tanto uma, quanta a outra, como ciências é notório em ambas a relação da teoria e a prática, e esse diálogo é visível no contexto cultural da aprendizagem. Assim, a cultura local, inserida nos projetos e proposta curricular da escola

indígena, possibilitará de modo dinâmico e significativo às práticas pedagógicas e didáticas na educação escolar Mura.

Com isso, desenvolve nos estudantes a competência necessária para que eles possam compreender e falar sobre a importância de inserir aquilo natural para eles no processo ensino e aprendizado em sala de aula. Dessa forma, é garantir os direitos indigenistas na educação escolar, permitindo o meio ambiente que influencia na formação intelectual Mura e que contribui para determinação de valorizar e preservar sua história.

1.1 A dança da cutia e seus significados simbólicos

A Dança da cutia é uma expressão cultural do Povo Mura. Ao dançarmos expressamos nossos sentimentos consoantes à situação, eventos e/ou programações em que estamos nos apresentando, e assim, as mensagens são transmitidas de modo dinâmico e objetivo.

Para Thompson (2009) a concepção descritiva da cultura, pode ser resumida como o conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais, adquiridos pelos indivíduos enquanto de um grupo. Thompson deixa claro que a cultura é toda atividade desenvolvida e praticada significativamente pelos indivíduos pertencentes a um grupo.

De acordo com Geertz (2008) o conceito de cultura semiótico se adapta especialmente bem. Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (símbolos), a cultura não é um poder, mas pode influenciar as coisas que acontecem na sociedade, no comportamento, nas instituições ou processos, é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritivos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade.

A abordagem semiótica de Geertz, destaca os significados do que para os problemas de poder e conflitos ao contexto social, de acordo com Thompson (2009), portanto, essa análise demonstra a divergência de pensamento quanto à concepção simbólica da cultura nos escritos de Geertz.

Decerto, para Thompson as formas simbólicas, os fenômenos culturais são significativos tanto para os autores (os praticantes da cultura) sendo interpretados constantemente por eles no cotidiano, quanto para os analistas (observadores/pessoas não pertencentes ao grupo). Os quais buscam por meio da interpretação compreender as características significativas da vida social deste grupo e sua intencionalidade simbólica.

Como bem assegura Thompson (2009, p.166) “[...] o foco é o simbolismo: os fenômenos culturais [...] são fenômenos simbólicos e o estudo da cultura está [...] interessado na interpretação dos símbolos e da ação simbólica”. Sob essa ótica, ganha particular relevância ressaltar que como significado simbólico a Dança da cutia para os Mura vai além da visão geertziana, pois, seu significado é relativo.

Então, os problemas de poder, (aquilo que se pode ou o que se consegue realizar ou fazer); aos conflitos sociais, (as lutas dos movimentos sociais); como também, é relacionado à identificação de lugar de moradia, identificação de cultura e todo esse contexto são interagidos com a educação escolar Mura.

Nessa direção, Thompson mostra que os objetos e expressões são significativos em relação à situação, ao momento em que se vivencia as ações, assim a cultura é uma alternativa simbólica, uma modificação dela, considerando os contextos e processos sociais.

Sendo assim, as formas simbólicas representam seu poder simbólico. Thompson deixa claro que as expressões se tornam significativas em seu modo de produção, de transmissão e recebimento. Em suma, a Dança da cutia foi adotada por nosso Povo e serve de instrumento cultural nos movimentos sociais, nas manifestações culturais e bem como, dialoga com a educação escolar Mura.

Portanto, a cultura dá sentido às nossas ações, podem ser organizadas de modo significativas e por sistemas simbólicos, então, firma-se que a Dança da cutia é uma representação simbólica cultural do Povo Mura e da Aldeia Murutinga.

Logo, a Dança da cutia como símbolo cultural, Bourdieu (1989), aborda sobre o poder simbólico, em que para o autor é um poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a esse poder ou mesmo daqueles que o exercem. O poder simbólico é um poder de construção da realidade, os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social.

Nisso, pode-se considerar que, em cada situação em que a Dança da cutia se apresenta, como instrumento de comunicação, seus significados são específicos a cada contexto social e temporal. A seguir apresentação da Dança da cutia e seu significado simbólico consoante o cenário de sua apresentação na visão conceitual dos próprios aldeados.

Quando se dança na aldeia, tem sentido de brincadeiras. Nesse entendimento,

para o professor Mura Allean Braga, 34 anos (2021), “as crianças brincam a Dança da cutia aprendendo a cultura da aldeia”. Em concordância, a professora Mura Amélia Braga, 56 anos (2022), relata a seguinte experiência:

Ensinamos desde criança, bem pequena, desde um aninho. Tenho uma netinha que ela veio ver uma apresentação aqui na escola, um aninho ela tem, e quando ela chegou a sua casa ela já dançava, dançava a Dança da cutia, eu cantava e ela fazia os movimentos do jeito que as crianças maiores faziam. Então, desde pequena a criança aprende o valor cultural que a Dança da cutia é para nós. As crianças começam insistir para dançar, então começamos com vinte crianças, quando repentinamente temos cinquenta a sessenta crianças, todas querem dançar e elas ficam animadas para dançar, isso é uma coisa que passamos de geração a geração.

Nas festas juninas e nos encontros culturais, as apresentações da Dança da cutia têm o objetivo em mostrar e fazer conhecer sua cultura. Para o Mura Orivaldo Ruzo Braga, 86 anos (2021), “a Dança da cutia representa a cultura da aldeia e deve ser vista por pessoas de outros lugares como cultura da aldeia Murutinga”. Logo, para a professora Mura Amélia Braga, 56 anos (2022), “a dança da cutia é uma cultura na comunidade Murutinga”.

E, no âmbito escolar, tem finalidade didática e pedagógica, mostrando aos estudantes Mura o quanto a dança é importante para o Povo Mura em todos os momentos sociais a qual ela se manifesta. Certamente, a Dança da cutia na escola ajuda a valorizar a dança como manifestação cultural, tanto dentro quanto fora dela. Assim, as crianças aprendem a dançar desde cedo e quando se tornarem adultos já tem uma base cultural forte.

Nos movimentos sociais e nos encontros de Povos indígenas, se utiliza a Dança da cutia com a finalidade de protesto, simbolizando resistência a tudo o que representa e ameaça aos direitos indigenistas.

Nisso, a Dança da cutia representa um todo, como instrumento de integração social e cultural. Momento que marca a unificação dos Povos interagindo e valorizando as diversidades culturais.

1.2 Dança da cutia: minha cultura, minha identidade

Desde 1714, os Mura sofrem perseguições, por não aceitarem a conversão. Dessa forma, tornam-se ameaças tanto para os jesuítas quanto para outros grupos étnicos. Sua presença às margens do Rio Madeira representava conflitos aos colonos nas épocas de colheita.

Eram conhecidos como nativos irredutíveis, pois dificultavam a entrada no interior da mata. Além disso, os Mura eram famosos por aterrorizar escravos e trabalhadores do cacau. Amoroso; Farage, (1994).

Para compreender o presente, é necessário conhecer o passado. De acordo com Amoroso, a Organização Social e a Territorialidade do grupo étnico contribuíram para a criação do inimigo Mura estipulando-os algumas características:

A primeira delas é a extrema mobilidade dos Mura na ocupação de um território original - a bacia hidrográfica do rio Madeira. A ação das frentes de colonização que empurraram os Mura até sua última fronteira com a sociedade nacional - o rio Japurá - seria o segundo elemento na caracterização do território expandido. O terceiro elemento seria a 'murificação', instituição pela qual os Mura agregavam outras etnias entre elas, negros quilombolas, ciganos e índios destribalizados, ex-catecúmenos egressos das missões católicas (AMOROSO; FARAGE, 1994, p. 25).

Observa-se que a identidade é modificada ao longo do tempo e do espaço, uma vez que os Mura tiveram que adotar táticas para sobreviver nas matas, e ao integrar outras etnias, permitiu a criação de novos conhecimentos de outras culturas com as misturas de costumes e hábitos. Dessa forma, a cultura e a identidade estão em constante transformação.

Para o sociólogo Hall (2006) as pessoas têm identidades em diferentes momentos e não são unidas em um único 'eu' coerente. Nós temos identidades diferentes que nos empurram para diferentes direções, o que nos faz mudar constantemente.

A abordagem mais adequada para compreender esse processo é considerar que, em diferentes momentos, a Dança da cutia revela diferentes identidades culturais. Seja na aldeia, na escola, nos festivais e nos movimentos sociais, a identidade cultural coletiva é revelada.

Não se trata de uma identidade cultural unificada e estável, mas do sujeito que, com as experiências, está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de

várias identidades. Isso ocorre porque, em cada apresentação cultural da Dança da cutia, como instrumento de comunicação, há objetivos específicos.

A Dança da cutia representa nossa cultura tradicional. Mediante a isso, os Mura firmam a representatividade da dança e sua influência no fortalecimento da cultura, da identidade cultural e étnica que estão interligados, assim para Castells (2018, p. 957), “quem constrói a identidade coletiva, e para que essa identidade seja construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam”.

Assim é referente ao nosso interior, há identidades contraditórias, nos empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas, constantemente em mudanças. Com as características comuns que nos diferem de outros grupos, a história dos Mura passou pelo processo de transformações. Seria errôneo afirmar, que a Dança da cutia não sofreu nenhum impacto de mudanças no decorrer de sua existência, contudo, seus significados simbólicos são resistentes ao tempo para nosso Povo.

Para Castells (2018, p. 286) “a etnicidade sempre foi um atributo básico de autoidentificação [...], mas porque sempre os outros lembram às pessoas todos os dias que elas também são outras”, por exemplo, por cor de pele, língua ou qualquer outro atributo externo.

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. Hall (2006).

Dessa forma, para o Mura Obino Monteiro de Souza, 86 anos, (2021), “a Dança da cutia, faz parte da identidade cultural do Murutinga, identifica nossa etnia e a al deia em qualquer lugar”. Nesse sentido, em uma de suas viagens a professora Mura Amélia Braga, 56 anos (2022) relata sua experiência:

Participei de uma reunião numa comunidade próximo de Borba. Ao chegar, observei haver uma pessoa se identificando como Mura e apresentou a todos presente no evento a “Dança da cutia” da maneira dele. Assentei em um lugar bem discreto e fiquei observando a apresentação, percebi que os movimentos, a coreografia do corpo, diferiam da nossa Dança da cutia. O missionário responsável pelo evento, ao reconhecer, apresentou-me a todos dizendo minha etnia, o nome de minha aldeia e minha função de coordenadora da Dança da cutia e logo, eu saberia cantar e dançar a nossa manifestação cultural. Em minha oportunidade, expliquei a maneira que a Dança da cutia se

apresenta, por música, dança (coreografia) e o significado da imitação de cada animal que a Dança da cutia retrata. Ninguém dança de qualquer jeito a Dança da cutia, ela tem o seu próprio significado. E temos a forma específica de dançar e como dançar. Para cada tipo de objetivo dançamos a Dança da cutia, se eu fosse dançar a Dança da cutia aqui na aldeia eu não iria dançar da mesma finalidade do que está em uma manifestação, e no âmbito escolar, a motivação da apresentação também difere.

Do ponto de vista antropológico, os estudos sobre a Dança da cutia, relacionando-a à identidade cultural e sua inclusão na escola indígena, como processo contínuo, é viável as várias discussões sobre as temáticas e a socialização dos diferentes saberes.

Com isso, a Dança da cutia como minha cultura, minha identidade, promove a inclusão e representatividade cultural no ambiente escolar, estimula ao respeito e a valorização das culturas indígenas e, contribui para a formação e consciência identitária dos estudantes Mura, incentivando o orgulho de suas raízes.

2 Conhecer a dança da cutia e sua relação com a escola mura

2.1 Aquisição, Organizadores, Instrumentos, Pintura corporal, Figurinos, Série de danças.

A dança da cutia foi criada na aldeia Jabuti em 1953, pertencente à Região Careiro. Helena Nunes, sua mãe Nila Nunes, conta que, ao chegarem à aldeia Murutinga, nada tinham para fazer nos finais de semana, sem nenhuma diversão.

Dona Nila Nunes, pioneira da dança na época, incentivava a participação dos aldeados, passando o ensino dos rituais e as músicas da dança de geração a geração.

O Tuxaua Antonio Mota, 83 anos (2021) quando jovem também participava da dança. Assim, “a dança da cutia representa a cultura indígena, essa é uma representação que temos, foi criada por minha tia e com o tempo foi multiplicando, multiplicando até o que se encontra hoje”. Na década de 90, a dança tornou-se conhecida pelos não indígenas, devido às suas participações nas festas juninas na sede do município de Autazes.

Nessa época, tendo como organizador principal Antonio Mota, conhecido como veadinho, o qual estando na aldeia Murutinga trabalhava em conjunto com outros indígenas, valorizando a cultura e a identidade Mura. Em 1988, Antonio Mota passou a morar em outro lugar, atualmente, aldeia Tauari. E, a professora Mura Amélia Braga é

responsável por organizar a Dança da cutia, para apresentações na aldeia e fora da Aldeia Murutinga.

Quando se ouve a batida dos instrumentos é sinal de que haverá um evento na aldeia. No mês de junho o Santo Antonio estará nas casas, haverá procissão de canoas e reunir os moradores para dançar a dança da cutia.

Dessa forma, durante três dias seguidos de festa junina na aldeia, os participantes dançam ao som de tamborim e gambá. A confecção dos instrumentos utilizados na dança feita da seguinte maneira:

Tamborim — é necessário um pedaço de tora de madeira de cupiúba, com um buraco pequeno. Durante a produção do tamborim, é a usar um pedaço de ripa para apertar o couro do veado com um pedaço de cipó.

Em seguida para finalizar o som é necessário amarrar miçangas em um pedaço de corda e amarrar-se atrás do tamborim, o que aumenta a intensidade da batida. Gambá - O gambá é feito com uma tora de madeira grande e oca por dentro, e cubra com o couro de veado e deixa bem esticada para dar o toque da batida.



Fotos 1 e 2: Instrumentos Gambá e Tamborim
Fonte: Meireles

A arte de pintar o corpo também faz parte da Dança da cutia — Os produtos naturais servem de recursos para se pintar, como, semente de urucum, jenipapo verde e carvão. O urucum é o produto principal que se utilizado para a pintura corporal, sendo que os adultos são os responsáveis pela pintura das crianças e se complementam mutuamente, u ma vez que é uma cor forte e que se sobressai entre outras cores.



Fotos 3, 4: Tuxaua Antonio Mota e Dona Maria debulhando urucum
Fonte: Azevedo

Do sumo do jenipapo verde é extraída uma substância amarelada que, após um ou dois dias se torna uma tintura preta. Essa tintura ao ser misturada com o carvão torna-se pronta para desenhar os tradicionais grafismos indígenas.

Os figurinos são criados pelos próprios brincantes: as saias consistem em saia de malva, sejam elas grandes ou pequenas, o material bruto é coletado na natureza, retirados da casca da árvore de envira e da casca da castanheira.

Os brincos são de caroço de tucumã, colar de sementes de morototó e seringa. Os sutiãs de cuia e malva, palha de tucumã, malva e semente de lágrima de Santa Luzia e tento. As tornozeleiras e braceletes são feitos de malva e pena, papelão e pena. Para as pulseiras é usado caroço de açaí, morototó, pena de arara e galinha.

O cocar é produzido com semente de morototó, penas de arara, chapéu de palha branca e pena de galinha, chapéu de papelão e penas de galinha, cocar de palha preta e penas de arara, cocar de buritizeira e penas de arara ou de galinha.



Fotos 5 e 6: Figurinos e pintura
Fonte: Meireles

Como é possível notar, os brincantes procuram confeccionar suas roupas com matéria-prima extraída da própria natureza e de animais silvestres. Ao finalizarem as apresentações, os brincantes guardam suas vestes e objetos em sacos plásticos, de modo a assegurar a durabilidade dos mesmos.

A Dança da cutia é composta por uma variedade de danças. Cada dança apresenta uma música única, e os movimentos do corpo são característicos e representam um animal.

Dessa forma a gestualidade, o movimento do corpo, o balanço, o movimento dos braços e das mãos, fazendo movimentos característicos de acordo com a cantoria de cada música, representam um animal. Cada uma das danças tem entre dez e quinze minutos de duração.

2.2 Dança da cutia na escola Mura

Meus estudos se intensificaram na Dança da Cutia como foco principal para abordar a contextualização da realidade local, do dia a dia do estudante Mura com o processo educacional na instituição escolar em que ele estuda. Com isso, o diálogo entre a cultura e a educação escolar indígena permitiu a interação dos saberes.

Uma vez identificada e reconhecida como manifestação cultural da Aldeia Murutinga, a Dança da cutia se tornou para meus estudos o foco principal para se trabalhar

a contextualização da realidade local, do cotidiano do estudante Mura com o processo educacional na escola a qual este estudante está inserido.

Durante a aula, observou-se como se dava o dinamismo entre ensino e aprendizado, e, conseqüentemente, como as crianças assimilavam e o resultado advindo desse processo.

Dessa forma, como recurso de coleta de dados foi utilizado o meu caderno de campo e entregue ao estudante para registro das atividades escolares.

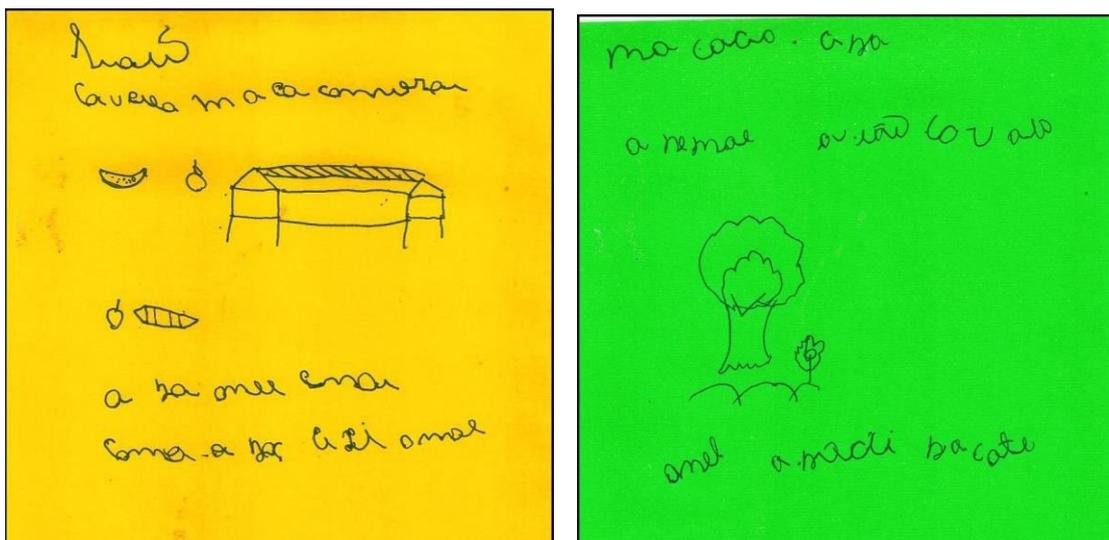


Figura 1 e 2: Atividade escolar
Fonte: caderno de campo

Mediante as observações tanto do fazer didático e pedagógico do professor Mura e a reação dos estudantes quanto à aceitação dos conteúdos trabalhados. Em reunião pedagógica com os professores Mura discutimos e analisamos a hipótese de trabalhar em sala de aula a cultura local e dinamizar os ensinamentos tradicionais inseridos na proposta curricular da escola Mura.

Então, surge o projeto interdisciplinar “minha cultura, minha identidade” proposto em sua perspectiva educacional, que objetivava a possibilidade de trazer para dentro do processo educativo da escola a manifestação cultural presente na aldeia, conforme a proposta do RCNEI (Referencial Curricular Nacional para Educação Indígena).

À luz do sociólogo Forquin (1993, p. 167), “a escola é também mundo social, que tem suas características de vida próprias, seus ritmos e seus ritos, seu imaginário, seus

modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos [...]”.

Forquim traz a contribuição para os fatores sociais, políticos e culturais que influenciam na autonomia da escola em trabalhar a proposta curricular diferenciado, no caso da escola Mura a pedagogia intercultural, com isso, a escola não pode ignorar os aspectos contextuais da realidade do aluno.

Em campo, deparamo-nos com o Mura Raimundo São Paulo, morador da aldeia Murutinga, ele cantou a série de música da Dança da cutia, as quais foram gravadas em mídia. Logo, convidamos o professor Edilson Martins Baniwa, professor em Linguística, para traduzir os textos em Nheengatu, pois na aldeia os professores não se sentiram seguros em fazer a tradução por não terem habilidade na fala e nem na escrita do Nheengatu.

Segundo Pereira, (2009, p. 11), o Povo Mura atualmente não falam mais a língua Mura e nem a língua geral (Nheengatu). Por isso, o nosso Povo precisa aprender a falar e escrever a língua geral e praticar nas conversações e escritas. Com o objetivo de alcançar as novas gerações e de reforçar a nossa identidade étnica e cultural.

Portanto, a contextualização das realidades dos estudantes e da escola indígena deve ser considerada como uma ponte entre a teoria e a prática no fazer didático em busca de resgatar as memórias históricas socioculturais do povo Mura.

Assim, é por meio da linguagem que as identidades são construídas e que a inserção social ocorre, de modo que o ensino da oralidade e da escrita assume centralidade no processo educativo. Sendo, portanto, o meio de constituir subjetividades, fortalecer e construir identidades, estabelecer interações e integrar conhecimentos de diferentes áreas de conversação.

Sobretudo, a do mundo da arte e da ciência e, no âmbito desta, das diferentes áreas de conhecimento, para isso, precisamos analisar com filtro nos olhos os modos como o trabalho pedagógico vem sendo organizado na escola Mura.

Com o olhar antropológico, observa-se a riqueza de informações que as músicas da Dança da cutia estarão contribuindo no processo educativo escolar. A proposta é a elaboração de uma cartilha com as letras das músicas da dança como textos paradidáticos em Língua Portuguesa e Nheengatu para se trabalhar a leitura e a escrita nas duas línguas.

Possibilitando, assim, a interação de conhecimentos, a contextualização de

realidades entre professor/estudante; estudante/professor; estudante/estudante e professor/professor, a interculturalidade e a interdisciplinaridade da antropologia com outras áreas de conhecimentos.

Nisso, as interações permite conhecer e valorizar a nossa realidade e buscar definir objetivos, traçar metas para a escola Mura, resgatar nossas memórias históricas, retomar a língua geral e fortalecer nossa identidade cultural, através da escola que queremos.

A partir do princípio de que as práticas de conhecimento estão em constante mudança, sendo experimentadas e modificadas constantemente, os saberes tradicionais de nosso Povo não são conjuntos fixos, mas sim formas particulares que geram novos conhecimentos.

A Dança da cutia foi considerada relevante neste estudo, tendo sido percebida sua influência na educação escolar indígena, tendo sido elaborados textos como recursos paradidáticos nas línguas Portuguesa e Nheengatu para uso em sala de aula. A escola Mura além de ensinar sobre a cultura indígena, oferece uma educação específica, diferenciada e bilíngue.

As danças da Dança da cutia são: carão, papagaio-real, quatipuru, onça, arrebancerebandô, atira mulata atira, cachorro, tamacuaré, camelão e a do veado. A seguir a proposta de textos como recursos paradidáticos para se trabalhar a leitura e a escrita na escola Mura:

DANÇA DA CUTIA Akuti Murasi

Cutia, cutia, cutia akuti, akuti, akuti Lembrança
pra tua tia
Kuekatu né tia supé (4x)

Menina do Murutinga não deixa a cutia perder
Kunhantaĩ murutinga wara te rexari akuit uya
Menina do Murutinga não deixa a cutia perder
Kunhantaĩ murutinga wara te rexari akuti uya

Porque esse gambá nunca pára de bater Marã ta
kua mikura ti upitu unupá Porque esse gambá
nunca pára de bater Marã ta kua mikura ti upitu
unupá

Cutia é o bicho do mato é um bicho corredor.
Akuti nhaã kaapura ugustari waá uyana Cutia é o
bicho do mato é um bicho corredor Akuti nhaã
kaapura ugustari waá uyana

Corre minha cutia pro cachorro num pegar Reyana
se akuti tiararam yawara upisika indé Corre minha
cutia pro cachorro num pegar Reyana se akuti
tiararam yawara upisika indé

Au, au, au, au, au, au
Corre minha cutia pro cachorro num pegar Reyana
se akuti tiararam yawara upisika indé Au, au, au,
au, au, au
Corre minha cutia pro cachorro num pegar Reyana
se akuti tiararam yawara upisika indé

Figura 3: Cutia



Figura 4: Cunhantã do Murutinga



Desenhos: Valdiene Prado
Pintura: Ana Melo



Fotos 7 e 8: Dança da cutia
Fonte: Meireles.

DANÇA DO MACACO Makaku Murasi

A banana está amarela, mas não deixa o macaco comer.
Pakuwa itawá uiku, te rexari macaco uú.
A banana está amarela, mas não deixa o macaco comer.
Pakua itawá uiku, te rexari macaco uú.

Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer.
Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.
Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer.
Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.

O abiu está maduro, mas não deixa o macaco comer. Abiu
puranga uiku, te rexari macaco uú.
O abiu está maduro, mas não deixa o macaco comer. Abiu
puranga uiku, te rexari macaco uú.

Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer.
Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.
Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer
Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.

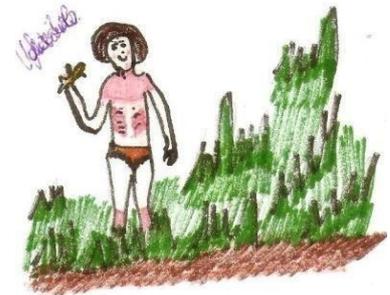
O ingá está amarelo, mas não deixa o macaco comer. Ingá
itawaá uiku, te rexari macaco uú.
O ingá está amarelo, mas não deixa o macaco o comer. Ingá
itawaá uiku, te rexari macaco uú

Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer.
Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.
Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer.
Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.

Figura 5: Macaco/banana



Figura 6: Índio Mura



Desenhos: Valdiene Pr Pintura: Ana Melo

Fotos 9, 10 e 11: Dança do macaco



Fonte: Meireles.

DANÇA DO JACARÉ AÇU

Yakaré wasú murasi.

Jacaré foi convidado no tempo da seca grande Ta senui yakaré tinkanga tempu
Jacaré foi convidado no tempo da seca grande Ta senui yakaré tinkanga tempu

Vira dama, vira dama, vira dama, vira dama jacaréu açu Remuyeré dama, remuyeré
dama, remuyeré dama yakaré wasú Vira dama, vira dama, vira dama, vira dama jacaréu
açu Remuyeré dama, remuyeré dama, remuyeré dama yakaré wasú

Jacaré foi convidado no tempo dos coronéis Tasenui yakaré coroneu ta tempu.
Jacaré foi convidado no tempo dos coronéis Tasenui yakaré coroneu ta tempu.

Vira dama, vira dama, vira dama, vira dama jacaréu açu. Remuyeré dama, remuyeré
dama, remuyeré dama yakaré wasú Vira dama, vira dama, vira dama, vira dama jacaréu
açu.
Remuyeré dama, remuyeré dama, remuyeré dama yakaréwasú

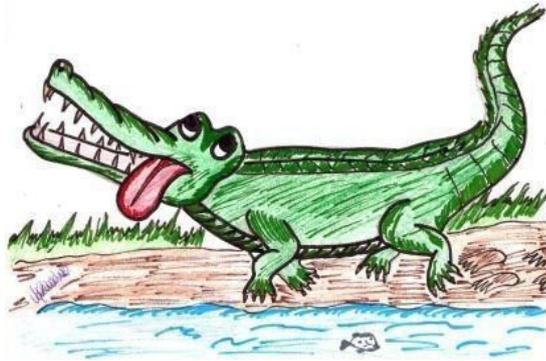


Figura 7: Jacaré açú



Fotos 14 e 15: Dança do jacaré-açu
Fonte: Meireles

PAPAGAIO REAL

Parawaá

Quem me ensinou a falar foi o papagaio real Awá umbué akuntari nhã parawaá
 Quem me ensinou a falar foi o papagaio real. Awá umbué akuntari nhã parawaá

Foi, foi, foi, girimbabu da minha senhora Foi, foi, foi, girimbabu da minha senhora

Quem me ensinou a nadar foi o peixinho do mar
 Awá umbué awitá nhaã piramiri paranã turusu wara
 Quem me ensinou a nadar foi o peixinho do mar
 Awá umbué awitá nhaã piramiri paranã turusu wara

Figura 08 – papagaio real



Foi, foi, foi, girimbabu da minha senhora Foi, foi,
 foi, girimbabu da minha senhora

Quem me ensinou a correr foi o maçarico da praia
 Awá umbué ayana nhaã Masarikua
 Quem me ensinou a correr foi o maçarico da praia
 Awá umbué ayana nhaã Masariku

Foi, foi, foi, girimbabu da minha senhora Foi, foi,
 foi, girimbabu da minha senhora



Fotos 12 e 13: Dança do papagaio real
 Fonte: Meireles

Considerações finais

Sendo assim, espero que os resultados deste estudo sejam úteis para o plano curricular da escola Mura e que ajude a atender aos anseios e aos interesses da educação escolar indígena da cidade de Autazes. Ao criar espaços de diálogo e parceria com a comunidade Mura, a escola se torna um ambiente acolhedor e diversificado, onde a pluralidade cultural é valorizada e respeitada.

A valorização da Dança da cutia na escola Mura é uma forma de fortalecer a identidade cultural dos estudantes, promovendo o orgulho de suas raízes e incentivando o respeito à diversidade cultural presente em nosso país. A escola Mura como instituição, irá requerer o reconhecimento legal da Dança da cutia como um patrimônio imaterial, garantindo-a como manifestação cultural específica da aldeia Murutinga.

A ideia do registro em cartório é relevante no sentido de proteger o direito autoral, mas é relevante refletir sobre isso e considerar que não se trata de um bem individual, mas sim de um bem imaterial e coletivo. Esse registro em cartório é particularmente importante para proteger contra o uso por pessoas ou empresas comerciais, ou até pesquisadores mal-intencionados em relação ao material, mas isso não é o bastante, tendo em vista as finalidades do patrimônio imaterial pesquisado.

Então, propõe-se seguir o caminho mais seguro e o mais correto: solicitar o registro via Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), após reunir as lideranças da aldeia e comunidade escolar para elaborarmos e encaminhar a correspondência à Superintendência do IPHAN do Amazonas, ou à Presidência do IPHAN, e caso for necessário encaminhar até ao Ministério da Cultura para o reconhecimento da Dança da cutia como patrimônio cultural imaterial da aldeia Murutinga.

Além disso, a Dança da cutia também é uma forma de combater o preconceito e a discriminação enfrentados pelos indígenas nas escolas. A Dança da cutia tem um grande impacto no desenvolvimento das crianças Mura, pois ajuda a fortalecer sua autoestima e senso de pertencimento. Ao participar da dança, os estudantes se sentem parte de algo maior, conectando-se com suas raízes e com sua comunidade. Isso também estimula o orgulho e o interesse pelos conhecimentos tradicionais, incentivando a preservação da cultura Mura da aldeia Murutinga.

No entanto, a Dança da cutia enfrenta desafios para sua preservação e continuidade. A falta de incentivos governamentais e a pressão da cultura dominante

podem ameaçar a prática cultural. Por isso, é fundamental que as escolas e a sociedade em geral valorizem, respeitem e promovam a Dança da cutia, reconhecendo sua importância na preservação da cultura Mura.

Em resumo, a Dança da Cutia é uma manifestação cultural muito significativa para o Povo Mura, representando sua identidade e valores. Nas escolas Mura, a dança tem sido uma ferramenta importante para a valorização da cultura indígena, promovendo o respeito à diversidade e fortalecendo o vínculo entre as gerações. É fundamental que essa tradição seja preservada e valorizada, para o Povo Mura poder continuar transmitindo sua cultura e identidade para as futuras gerações.

Referências

AMOROSO, Marta Rosa, FARAGE, Nádia (orgs.). **Relatos da fronteira amazônica:** Alexandre Rodrigues Ferreira e Henrique João Wilckens. São Paulo: USP/NHII; FAPESP, 1994.

BENEDICT. Ruth. **Padrões de Cultura.** Tradução de Ricardo A. Rosenbusch. (Coleção Antropologia). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

BOURDIEU. Pierre. **O poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. Editora Bertrand Brasil. S.A. Rio de Janeiro, 1989.

CASTELLS. Manuel. **O poder da identidade.** Tradução Klauss Brandini Gerhardt. Recurso digital. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

CUNHA, M. M. L. C. da. (2009). **Cultura com aspas: e outros ensaios.** São Paulo: Cosac & Naify.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura:** as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.
PEREIRA. Márcia Leila de Castro. “Rios de Histórias”. Guerra, Tempo e Espaço entre os Mura do Baixo Madeira (AM). Brasília/PPGAS/UnB, 2009.

HALL. Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RCNE/Indígena. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas/Ministério da Educação, Secretaria Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 2002.

THOMPSON. J. R. **Ideologia e cultura moderna.** Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2009.